

Economia - Brasil

POLÍTICA

Até que ponto o Brasil é um país em crescimento num continente em estagnação, de acordo com o consenso internacional? A pergunta feita ontem pelo assessor especial do presidente Sarney, embaixador Rubens Ricúpero, foi o destaque de sua palestra sobre a transição da América Latina para o século XXI. Ricúpero analisou a situação dos países latino-americanos — o tema de um seminário patrocinado pelo Sesc, Senac e Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro — mas fundamentalmente destacou o papel do Brasil.

Segundo ele, o crescimento o País, "este novo surto de desenvolvimento em contraste com o início dos anos 70", já não é visto pelos países vizinhos como ameaça, mas como oportunidade. "O mito do subimperialismo brasileiro não é mais levado a sério", disse. "Até se começa, temerária e apressadamente, a evocar, a propósito da possível função do Brasil em relação à América Latina, o papel de locomotiva que a economia americana desempenhou relativamente à economia mundial."

Ao citar os acordos de integração e cooperação com a Argentina e o Uruguai, a

compra eventual de gás natural da Bolívia e Argentina, Ricúpero afirmou que as "oportunidades de vincular estruturalmente nosso desenvolvimento ao dos nossos vizinhos passaram, em algum casos, do estágio de projeto para o de realidade".

Para chegar à conclusão de que o Brasil cresceu mais que os outros países latino-americanos, chegando a uma posição destaca, Ricúpero baseou-se num relatório americano e um outro da Cepal: "Estimativas preliminares indicam que o aumento do crescimento econômico durante 1985 terá sido algo menos de 3%. Mas se o Brasil for excluído do cálculo, a taxa de crescimento econômico da região terá sido apenas de 0,8%". O embaixador citou como condições que favoreceram o crescimento o baixo preço do petróleo, a relativa queda nominal dos juros, a desvalorização do dólar, a diversificação das exportações brasileiras, o avanço substancial na produção de petróleo e gás na substituição da energia importada, entre outros fatores.

Explicação

O assessor especial de Sarney comentou ainda o fato de o presidente Reagan não ter



Ricúpero: surto de desenvolvimento.

CRESCIMENTO DO BRASIL: UM DESTAQUE NO CONTINENTE.

citado o Brasil na abertura da 41ª assembleia do FMI, apesar de momentos antes o diretor do Fundo, Jacques de Larosière ter elogiado nosso País, "pelo seu forte programa de ajuste". A explicação de Ricúpero:

"É preciso fazer uma distinção: uma coisa é elogiar em termos gerais o desempenho da economia brasileira; outra é aceitar a estratégia brasileira de resolver o problema da dívida sem passar pelo Fundo. Esse segundo elogio não será feito porque essa estratégia não está de acordo com a política oficial americana. Nossa divergência não é contra o Fundo em si, porque somos membros. Nossa divergência é quanto à idéia de termos nossa economia submetida a um monitoramento e a metas que não sejam do governo brasileiro".

Numa análise geral sobre a América Latina, Ricúpero citou dados que mostram que os países latino-americanos tinham em 1950 rendas per capita muito mais altas. "A renda per capita é hoje mais baixa que 1980 em todas as nações da América Latina e caiu cerca de 10% na região como um todo. A renda per capita média mal supera o nível de 1975 e em alguns países ela retrocedeu aos níveis de 20 anos atrás", constatou.

A seguir, Ricúpero apresentou diversas visões dos países latino-americanos — entre elas a neoliberal que recomenda uma orientação de abertura em direção à economia mundial como única maneira de restau-

rar o crescimento econômico e obter recursos cambiais para pagar o serviço da dívida. "Do ponto de vista da Cepal o subdesenvolvimento é analisado como subproduto gerado pelo sistema econômico assimétrico, sobretudo através da deterioração dos termos de intercâmbio em favor dos países centrais", disse.

Interconexão

O embaixador do Uruguai no Brasil, Roberto Vivo, que também fez uma exposição geral sobre a América Latina, propôs a criação de um centro especializado, supranacional, "com o objetivo de debater os grandes temas de nosso destino comum". "Seria preciso ainda estabelecer uma interconexão eficaz dos centros que seriam implantados em cada país, através da criação de um órgão coordenador intercentros."

Numa análise econômica, Winston Fritsch, professor de economia da PUC do Rio, disse que a condição para a América Latina se desenvolver é a retomada do crescimento das grandes economias mundiais e uma maior estabilidade financeira internacional, juntamente com a redução do protecionismo.